

CONCEPÇÕES E PRÁXIS DE TERRITÓRIO NA AMÉRICA LATINA: aportes para o debate (I)


Marcos Aurelio Saquet¹


Horacio Bozzano²

257

Resumo: Com a reprodução secular de concepções eurocêntricas, com pensamentos latino-americanos mais autônomos e recentes, com perspectivas originais de território dos povos indígenas, com visões tecnocráticas associadas a organismos de financiamento internacional, com as modas de “quem faz território” sem ter teorizado o suficiente e com outras perspectivas, este artigo é um convite a um debate que, além de não estar resolvido, particularmente, não responde aos ambientes e grupos sociais mais esquecidos e negados da América Latina. As concepções de território na América Latina precisam ser revisitadas não somente a partir das perspectivas da ciência crítica, mas complementadas por teorias de transformação social. Para isso, concepções e práxis necessitam se relacionar dialeticamente num jogo no qual saberes populares, científicos, técnicos e políticos participem do mesmo jeito, senão continuaremos em nossas próprias bolhas enquanto o capitalismo e suas incontáveis manifestações continuam predominando com seus sujeitos conspícuos. Assim, os dois objetivos gerais deste trabalho são: a) compartilhar diferentes concepções de território na América Latina (na geografia e outras ciências) e b) socializar como nós concebemos o território a partir da nossa práxis de trabalho com as pessoas, mediante a pesquisa-ação-participativa.

Palavras-chave: Território. Concepções. Práxis. América Latina.

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Brasil.  <http://orcid.org/0000-0002-3435-8428>. E-mail: squetmarcos@hotmail.com

² Universidad Nacional de La Plata – UNLP, Argentina.  <https://orcid.org/0000-0002-1503-5383>. E-mail: bozzano59@gmail.com

**CONCEPCIONES Y PRÁCTICAS TERRITORIALES EN AMÉRICA LATINA:
contribuciones al debate (I)**

RESUMEN:

Con arrastres seculares de abordajes eurocentristas, con pensamientos más autónomos latinoamericanos más recientes, con perspectivas originales de territorio en pueblos indígenas, con visiones tecnocráticas asociadas a organismos de financiación internacional, con las modas de “quienes hacen territorio” sin haber teorizado lo suficiente

y con otras perspectivas, este artículo es una invitación a un debate que, no sólo no está resuelto, sino que particularmente no termina de dar respuestas a los ambientes y grupos sociales más olvidados y ninguneados de toda América latina. Las concepciones de territorio en América Latina necesitan ser revisitadas desde perspectivas de ciencia no sólo críticas, sino emparentadas con teorías de la transformación social. Para ello concepciones y praxis deben dialectizarse en un juego donde saberes populares, científicos, técnicos y políticos participen por igual, sino continuaremos en nuestras propias burbujas mientras el capitalismo y sus incontables manifestaciones continúan haciendo de las suyas con sus sujetos más conspicuos. Los dos objetivos generales del trabajo son: a) compartir y socializar diferentes concepciones de territorio na América Latina (na geografía y otras ciencias) y b) como concebimos el territorio a partir de nuestra praxis trabajando con la gente, mediante la investigación-acción-participativa.

Palabras clave: Territorio. Concepciones. Praxis. América Latina.

**TERRITORY CONCEPTIONS AND PRACTICES IN LATIN AMERICA:
contributions to the debate (I)**

ABSTRACT:

With the secular reproduction of Eurocentric conceptions, with more autonomous and recent Latin American thoughts, with original perspectives on the territory of indigenous peoples, with technocratic visions associated with international financing organizations, with the

fashions of “who makes territory” without having theorized the enough and with other perspectives, this article is an invitation to a debate that, in addition to not being resolved, particularly, does not respond to the most forgotten and denied social environments and groups in Latin America. Conceptions of territory in Latin America need to be revisited not only from the perspective of critical science, but complemented by theories of social transformation. For this, conceptions and praxis need to relate dialectically in a game in which popular, scientific, technical and political knowledge participate in the same way, otherwise we will continue in our own bubbles while capitalism and its countless manifestations continue to predominate with its conspicuous subjects. Thus, the two general objectives of this work are: a) to share different conceptions of territory in Latin America (in geography and other sciences) and b) to socialize how we conceive the territory from our work praxis with people, through research-participatory action.

Key words: Territory. Conceptions. Praxis. Latin America.

INTRODUÇÃO

Muito se fala e muito se escreve, nas últimas décadas, na América Latina, sobre o território, seja como conceito, categoria, realidade (objeto de estudos) ou como espaço de transformação social e espacial (objetos de intervenção e/ou transformação). No entanto, em determinadas situações, nota-se a ausência de acuidade teórico-metodológica e de rigor científico, bem como da clareza e objetividade política que se espera a favor do povo latino-americano, dos sujeitos de cada território, principalmente quando se trata de financiamento público.

Atravessamos tempos em que se está conhecendo este debate em fogo lento e permanente. Em boa medida como produto dos avanços teóricos ocorridos desde a década de 1970, atualmente a onda do debate se encontra em plena ebulição. Com a reprodução secular de abordagens eurocêntricas, com pensamentos latino-americanos

Marcos Aurélio SAQUET & Horácio BOZZANO, *Concepções E Práxis De Território Na América Latina: Aportes Para O Debate (I)*

mais autônomos e recentes, com perspectivas originais de território dos povos indígenas, com visões tecnocráticas associadas a organismos de financiamento internacional, com as modas de “quem faz território” sem ter teorizado o suficiente e com outras perspectivas, este artigo é um convite a um debate que, além de não estar resolvido, particularmente, não responde aos ambientes e grupos sociais mais esquecidos e negados da América Latina. Assim, apresentamos, nesta oportunidade, uma primeira reflexão que faz parte de um complexo mais amplo, como aportes preliminares para o debate das teorias e práxis de território na América Latina. Nossos objetivos gerais são: a) compartilhar diferentes concepções de território na América Latina (na geografia e outras ciências) e b) socializar sucintamente como nós concebemos o território a partir da nossa práxis de trabalho com as pessoas, mediante a pesquisa-ação-participativa (IAP).

Este é o primeiro texto de uma série que está sendo discutida, planejada e escrita, tendo em vista uma compreensão mais detalhada possível das concepções e práxis de território (i)materializadas na América Latina. Nesta ocasião, analisamos alguns geógrafos e outros pesquisadores do México e da Colômbia, cujas informações mais detalhadas serão disponibilizadas na *Red Latinoamericana Territorios Posibles, Praxis y Transformación*. Para tal, além da pesquisa bibliográfica, realizamos oito entrevistas em cada país supracitado (nem todas bem-sucedidas), em 2019-20, com base nas seguintes perguntas: i) Como você define e entende por território? ii) Qual concepção teórica nutre sua perspectiva de território? iii) Em que temas tem utilizado o conceito de território? iv) Você realiza a práxis territorial? v) Em caso afirmativo, como faz sua práxis territorial?

Desse modo, a partir das pesquisas e publicações que já realizamos sobre o tema – veja-se, por exemplo, Bozzano (2000, 2003, 2009, 2013a, 2013b, 2017, 2019) e Saquet (2017a, 2017b, 2017c, 2018, 2019a, 2019b, 2019c) -, bem como a partir da problematização de uma recente publicação sobre o “pensamento latino-americano” – a seguir-, socializamos algumas sínteses dos nossos estudos e das nossas ações realizadas no território, para mostrar aspectos que consideramos fundamentais das

concepções de território estudadas até o momento. Trata-se de uma reflexão conjunta feita há alguns anos, teórica e empiricamente, que não se restringe, portanto, a um “voou feito sem sair de casa”.

Quando nos referimos ao pensamento, estamos considerando que esse ocorre simultaneamente à produção do conhecimento (seja ele popular e/ou científico ou ainda outros conhecimentos), perpassando por reflexões, interações, apreensões, sensações, percepções, debates que, normalmente, facilitam a compreensão cada vez mais completa e mais ampla das relações, das contradições, dos conflitos, das transições, do movimento de (des)formação territorial, bem como dos processos de práxis e transformação virtuosas e mais amplas e completas do que a crítica e a resistência político-cultural.

Isso significa que persistem posições teóricas relacionadas ao *status quo* em processos hegemônicos de poder, com visões, basicamente, neoclássicas que não questionam as contradições sociais e nem propõem alternativas transformadoras a favor de uma sociedade mais justa e ecológica.

Esses dois momentos – conhecimento e pensamento-, em nossas mentes e em nossas práticas, estão em unidade e significam, a um só tempo, a própria vida (social-natural), o conhecimento, o pensamento: interagem-se processos epistemológicos e ontológicos. Como afirma muito bem Lefebvre (1995 [1969]), todo pensamento é e está em movimento e é, ao mesmo tempo, pensamento (e conhecimento, mais ou menos profundo) de um movimento.

Conhecimento e pensamento, então, acontecem simultaneamente, embora possamos reconhecer diferentes níveis de conhecimento e pensamento, normal e rigidamente separados cartesianamente. Assim, conhecimento e pensamento se condicionam, subjetivando-se e objetivando-se no tempo e no espaço, com determinadas características inerentes a cada grupo social e contexto territorial. Os sujeitos também pensam para produzir uma escultura, para plantar e comer, viajar ou não, trabalhar ou descansar e, em determinadas condições, sistematizam, de maneira

escrita ou não, seus pensamentos, às vezes também refletidos fora dos espaços acadêmicos.

É claro que há singularidades que caracterizam o pensamento científico, porém, não o concebemos separadamente do popular: o conhecimento popular está no científico e, esse, naquele, embora, muitas vezes, não seja sentido, apreendido e sistematizado: trata-se de outra ciência (SAQUET, 2008, 2011, 2017c, 2019b). As pessoas têm talento e criatividade, distintas culturas, identidades e diferenças, podendo potencializá-las por meio da unidade entre os conhecimentos popular e acadêmico, respeitando-se e cooperando (i)materialmente para melhorar o nível de vida das pessoas mais simples e humildes.

Desse modo, para compreender essa relação de unidade, necessitamos rever os métodos, as teorias, os conceitos e seus significados e, principalmente, o jeito de fazer ciência. Juntamente com o *conhecimento universal*, então, há *conhecimentos contextualizados* com nossas singularidades e complexidades, que precisam ser trabalhados num nível de alcance das *comunidades* urbanas e rurais (FALS BORDA e MORA-OSEJO, 2004). E isso requer uma *metodologia de pesquisa e ação participativa*, na qual a ciência é produzida levando-se em consideração a construção de *conhecimentos úteis* para *causas justas*, *descobrimo-se outros tipos de conhecimentos*, como os indígenas, formando um (conhecimento) *mais amplo e completo*, popular e científico, aplicado à realidade do povo (FALS BORDA, 2008 [1999]), conforme descreveremos no final deste texto.

Então, a prática também implica pensamento, normalmente, refletido, embora, muitas vezes, a reflexão não seja sistemática como ocorre na academia; ao mesmo tempo, a reflexão já é uma prática que podemos ou não reproduzir cotidianamente. Assim, considerando-se que *prática* e *reflexão* fazem parte do pensamento, acreditamos que não é coerente separá-las, compreendendo-se a concepção dos grupos sociais subalternos no nível do senso comum.

O texto está organizado em duas partes: concepções de território e práxis territorial como fundamento das considerações finais, com desafios para uma constante

reconstrução teórico-prática feita por nós ao longo dos anos em distintas redes de cooperação e solidariedade.

PROBLEMATIZANDO O DEBATE ...

As concepções de território na América Latina estão adquirindo, nos últimos 15 a 20 anos, um notável desenvolvimento, porém, as produções que analisam, interpelam e entrecruzam esse complexo territorial são mínimas e insuficientes. Nosso texto é uma contribuição ao debate, convidando os interessados para participar do mesmo, pois se trata de um tema e processo apaixonante e urgente em virtude dos milhões de pessoas esquecidas e dos ambientes degradados: o território e, a partir do seu significado em latim, *territorii*, a terra que pertence a alguém, assim como seus lugares, também são *stlocus*, no latim antigo, lugares que pertencem a alguém. Apesar de parecer que o território e seus lugares pertencem ao capitalismo e suas cruéis formas de uso e abuso dos ambientes e das pessoas, o território tem o significado da vida, em latim, ou, nas línguas nativas, de *pachamama* ou *madre terra*, para algumas tribos indígenas latino-americanas.

Nossa problematização se dá a partir dessa noção e práxis de vida, da unidade pensamento-conhecimento supracitada e de uma síntese produzida por Haesbaert (2019a, 2019b) que, num movimento diferente do nosso, afirma que, no contexto latino-americano, há *três grandes leituras possíveis do território*, a saber: i) o território como *categoria da prática*, definido a partir do senso comum vinculado aos saberes dos grupos sociais, como *categoria vivida* e *ferramenta de luta*; ii) o território como *categoria normativa*, como aparece no Estado em determinadas políticas públicas territoriais. iii) o território como *categoria de análise*, tornado um conceito a partir da reflexão acadêmica e intelectual.

Ainda conforme Rogério Haesbaert (2019a), no que se refere ao *pensamento latino-americano sobre o território*, parece mais clara a concepção de território como *categoria da prática* e, ao mesmo tempo, ele reconhece que a *investigação intelectual*

pode dialogar com o *uso do território* na vida cotidiana, servindo de *ferramenta política* principalmente para os grupos *subalternos*.

Haesbaert (2019a) também evidencia o que denomina de a *primeira concepção de território* difusa na América Latina (uma *região continental periférica* ou *espaço específico*), no âmbito *moderno-colonial*, relacionada ao *poder soberano estatal de matriz eurocêntrica*: trata-se de uma concepção distante de expressar um pensamento latino-americano. Para Rogério Haesbaert (2019a), se existe uma prática ou pensamento latino-americano, esse ocorre entre os grupos sociais *subalternos* que lutam defendendo seus territórios (como os das periferias urbanas e os povos originários ou tradicionais). Ainda segundo Haesbaert (2019a), esses grupos sociais lutam para construir seus *territórios de vida* e, estes, então, são uma *categoria da prática*. Os grupos sociais *subalternos* – especialmente os indígenas – têm uma *visão integrada/integral de/do território*, aspecto que *parece recorrente*, no dizer de Rogério Haesbaert, na América Latina, quando se trata do território. Há, assim, uma diversidade de sujeitos, com distintas concepções e práticas centradas no espaço de vida, utilizando-se dessa concepção como *ferramenta* de mobilização e luta. E as lutas entre os grupos *subalternos*, o Estado e os capitalistas, geram “*uma imbricação entre o território como categoria de análise, como categoria da prática e como categoria normativa* (HAESBAERT, 2019a, p. 147). Por fim, Rogério Haesbaert lembra da existência de “*um pensamento-ação dialógico latino-americano sobre o território*” (IDEM, p. 147), realizado numa perspectiva descolonial.

Essa classificação é instigante, então, a partir dela, fizemos algumas perguntas (entre outras que, certamente, poderiam ser realizadas). Essas *três grandes* concepções de território identificadas por Haesbaert (2019a), como *categoria da prática, normativa e de análise*, são adequadas para compreender o pensamento latino-americano sobre o território? Se a concepção de território relacionada ao *poder soberano estatal de matriz eurocêntrica* está distante de expressar um pensamento latino-americano, por que se considera as políticas territoriais estatais como inerentes a esse pensamento? A academia é o único espaço de reflexão científica? Onde e como se dá a compreensão e

elaboração de *novas* concepções de território? Qual é o *pensamento-ação dialógico latino-americano*? Onde, como e por que acontece?

ENQUANTO ISSO, NO MÉXICO ...

No México, país onde o debate do território é bastante diverso e intenso, identificamos diferentes concepções muito relevantes, como a de Vergara Figueroa (2016), na qual o território é resultado da apropriação do espaço; é demarcado, afetivo e polissêmico, justamente em virtude das distintas práticas (econômicas, políticas e simbólicas) e dos diferentes rituais efetivados, dos conflitos, das lutas e das resistências sociais e territoriais. Nessa concepção, o *corpo* dos sujeitos tem centralidade, pois *modula* o território todos os dias, por meio do trabalho, da apropriação, da demarcação, da memória, dos rituais, da peregrinação, dos conflitos etc. Assim, a territorialidade também é fundamental, entendida como relações de poder e saberes inerentes à sociedade de classes: é múltipla e integra as dimensões *material, simbólica e emotiva*. Concepção essa de território, que entendemos ser humanística, relacional, multidimensional e multiescalar, elaborada a partir da leitura de autores/as como Georg Simmel, Jesús Martín-Barbero, Beatriz Nates Cruz, Bernardo Mançano Fernandes etc.

Es un espacio construido socialmente por las interacciones sociedad-naturaleza que en él tienen lugar. Es multidimensional, pero también constituye una unidad – histórica y cambiante- que le diferencia e identifica frente a otros territorios, que articula y da un sentido específico a sus procesos internos y relaciones con el exterior (ENTREVISTADO 1 MEX, 2019).

Traduz-se e se adapta, ampliando concepções de análise acadêmico-científicas produzidas no âmbito internacional por pesquisadores – muitos deles recorrentes na literatura mexicana estudada - como Claude Raffestin (relações de poder e sociedade-natureza), David Harvey (ajustes espaciais e temporais vinculados à acumulação de

capital), Milton Santos e Marcos Saquet (sobre as resistências diante das grandes tendências do capital) etc.

Em Buendía Castro e Pérez Sánchez (2017), a compreensão do território está centrada nas redes – com base em Norman Long – entendidas como *estruturas* sociais e organizativas utilizadas para tomar decisões voltadas para o desenvolvimento considerando-se características como a identidade, o pertencimento, a confiança, o compromisso e o trabalho coletivo. Então, o território tem um significado cultural e político (de projeção do futuro), e corresponde a um lugar de percepção e ação social, coletiva e ecológica, concepção construída na perspectiva da pesquisa-ação, conforme detalharemos no final deste texto.

Concepções como essa de Buendía Castro e Pérez Sánchez (2017) – entre várias outras- fazem parte das intensas e qualificadas interlocuções que acontecem no âmbito da *Red Gestión Territorial del Desarrollo* (Red GTD) – formada por 13 grupos de pesquisa-ação instituídos no México e interligada a outros grupos congêneres do Brasil e da Colômbia -, que trabalha a partir de uma criteriosa e adequada crítica às concepções de desenvolvimento territorial reproduzidas na América Latina estreitamente vinculadas ao neoliberalismo e ao Estado burguês no nível internacional. A abordagem de território adotada, está diretamente relacionada à de desenvolvimento, assumindo uma proposta histórico-crítica, descolonizadora e transescalar, na qual o território tem significados específicos em cada espaço-tempo, em virtude das contradições, das disputas, dos poderes, dos conflitos e dos enfrentamentos: por isso, a gestão territorial precisa ser feita pelos atores locais, como fundamento para melhorar as condições de vida por meio da autonomia decisória, da democracia, do combate à pobreza e às desigualdades, bem como por meio da soberania alimentar (RAMÍREZ MIRANDA, 2015).

Nesse sentido, as pesquisas e as ações são realizadas numa perspectiva interdisciplinar e operativa politicamente, com centralidade à problemática da soberania alimentar e do desenvolvimento integral dos/as homens/mulheres, num movimento de resistência com orientação contra-hegemônica, valorizando-se os saberes locais por meio da pesquisa-ação-participativa (RAMÍREZ MIRANDA, 2018).

Marcos Aurélio SAQUET & Horácio BOZZANO, Concepções E Práxis De Território Na América Latina: Aportes Para O Debate (I)

E, nessa perspectiva de pesquisa e ação, há notáveis resultados, socializados de distintas formas, como em Hernández Moreno, Ramírez Miranda e Menéndez Gámiz (2015), bem como por meio de publicações mais pontuais que revelam, por exemplo, como a fabricação do *pan de fiesta de San Juan Huactzinco* se caracteriza num híbrido de inovação e conservação do sabor e do manejo, contribuindo para manter a identidade repassada de geração em geração como patrimônio familiar (ELIZALDE e PÉREZ SÁNCHEZ, 2012).

Ainda do México, vale a pena evidenciar pesquisas que são feitas especificamente para os sujeitos, tais como a de Ávila Sánchez (2017), entre tantas outras, entendendo o território formado pela coexistência de relações e produções de mercadorias e outras relações de confiança e solidariedade existentes em redes de colaboração objetivadas em produções agrícolas destinadas para o consumo familiar. Valorizam-se, assim, os vínculos entre produtores e consumidores por meio da proximidade espacial e pessoal, contrapondo-se às grandes redes transnacionais.

Un territorio es un ámbito físico-espacial donde un determinado grupo social plasma su huella a través de reproducir las condiciones materiales y sociales para su existencia histórica y cotidiana. A través de sus prácticas y hábitos, se expresan las tendencias de las dinámicas social, cultural, política, económica y otras, de ese grupo o grupos, lo que define la aprehensión del mismo, su evolución y la asunción como un patrimonio (ENTREVISTADO 2 MEX, 2019).

O território, então, além de área apropriada e urbanizada (como objeto de estudos), caracteriza-se como um espaço de diferentes identidades e mobilidades, recriado histórica e geograficamente na luta pela reprodução da vida (como patrimônio das pessoas que nele vivem), concepção produzida partir de autores como Elisée Reclus, Henri Lefebvre, Guy Di Meo, Claude Raffestin, David Harvey entre outros.

Analizo estas prácticas a partir de datos estadísticas, y también a través de metodologías cualitativas (historias de vida, entrevistas semi-estructuradas con actores del proceso, sean productores individuales, familiares y colectivos), que describen la forma en que se modifica su ruralidad y que adquiere matices precisos a partir de su

vinculación permanente con el entorno urbana y el desarrollo de prácticas de proximidad y las diversas modalidades en que se desarrolla el carácter pluriactivo. Así, los actores que participan en el proceso, expresan formas determinadas de su dinámica territorial a través de sus identidades cambiantes, debido a la influencia permanente del entorno urbano en las formas de vida rural. Entonces, mi praxis del territorio se limita al conocimiento directo y al involucramiento de mis estudiantes, en los procesos que dinamizan a los territorios, en este caso, los urbano-rurales (ENTREVISTADO 2 MEX, 2019).

En el Laboratorio de Innovación Rural, hemos trabajado en procesos de innovación social en comunidades rurales, tratando de apoyar dinámicas de resistencia territorial (ENTREVISTADO 1 MEX, 2019).

As técnicas de pesquisa são diversas e o território contém diferentes relações e apropriações, mudanças e permanências, práticas e teorias, envolvimento social e resistências político-culturais. E perspectivas como essas, da práxis territorial, parecem mesmo difusas no México, como também identificamos em Sántiz Gómez e Parra Vázquez (2017) que, ao estudarem a cultura indígena em Chiapas, identificaram uma visão integrada da sua vida, considerando aspectos familiares, econômicos, culturais e ambientais, relacionando-se, intimamente, passado-presente-futuro. Trabalhando com os indígenas, o desenvolvimento foi construído a partir do lugar, de cada comunidade estudada, nos âmbitos da formação e transformação produtiva.

Para despertar o ânimo, a mente e o interesse nos projetos de transformação produtiva, realizou-se intercâmbios de experiências de camponês a camponês, já que para aprender a trabalhar com outra visão é necessário tempo, dedicação e muita paciência [...]. (SÁNTIZ GÓMEZ e PARRA VÁZQUEZ, 2017, p. 336).

A descolonização das mentes passa, necessariamente, pela prática de enfrentamento, luta, mobilização, (in)formação – sem separar prática de teoria, ciência de saber popular-, por meio de uma práxis territorial como a do *lekil kuxlejal* dos

tseltales de Chiapas, produzida com formação, projetos de transformação e organização comunitária (SÁNTIZ GÓMEZ e PARRA VÁZQUEZ, 2017).

Desse modo, mais do que uma possível categoria da prática, o território é entendido como uma práxis territorial, de luta e enfrentamento, em diferentes processos de mobilização, (in)formação, substantivando-se, evidentemente, como práticas (i)materiais e, ao mesmo tempo, como ciência popular, na qual não há uma separação entre ciência/intelectualidade e senso comum. Reconhecer as concepções populares, coexistentes com as acadêmicas e intelectuais, é adequado, porém, isso é muito pouco diante da grave situação de vida do povo latino-americano. Precisamos identificar e compreender as concepções acadêmicas e populares, unindo-as e potencializando-as de forma dialógica e respeitosa, convivendo e trabalhando **com** o povo. Nós não só reconhecemos a coexistência de saberes e práticas, análises e reflexões: trabalhamos **com** os sujeitos estudados para compreendê-los, valorizando-os, conversando, debatendo e lutando **com** eles.

ENQUANTO ISSO, NA COLÔMBIA ...

Há, ali, também, uma diversidade incrível de abordagens, concepções e práxis territorial, aspecto que nos instiga a continuar estudando a literatura colombiana ainda por um bom tempo. Em Nates Cruz, Velásquez López e García Alonso (2017), faz-se uma criativa abordagem do território e da memória historicamente territorializada em espaços de conflito e paz, caracterizando-se como uma *raiz histórica do presente*. Para essas pesquisadoras, o território é formado social e historicamente, contém poder, conflitos, disputas, enfrentamentos e apropriações, bem como distintas redes e práticas caracterizadas econômica, cultural e politicamente. O território, assim, é transescalar, complexo e plural, compreendido por meio de uma abordagem histórico-crítica, reticular, multidimensional e operativa politicamente (feita para os sujeitos estudados) (NATES CRUZ, VELÁSQUEZ LÓPEZ e GARCÍA ALONSO, 2017).

O território significa, ao mesmo tempo, a produção de um lugar, como afirma a entrevistada 1 da Colômbia, considerando-se as dimensões da geograficidade (relação gente-espaço), da sociabilidade (relações sociais), da historicidade (momentos e ritmos) e da emoção, reconhecendo-se as relações de poder, o conhecimento, a história, a identidade etc.

Asumo que la praxis es aportar en concepto para que el mundo de la política y de la gestión directa de la gente del común tenga un cambio en positivo. Así, he participado y participo de: Comisión Nacional de Ordenamiento Territorial, Consejo Departamental de Desarrollo, Comisión Interinstitucional Nacional de Ordenamiento Territorial, Exposiciones sobre problemas territoriales en pueblos ex centrados con el objeto de depurar, trabajar y apoyar la resolución de problemas en particular en escenarios de postconflicto. Apoyo a las organizaciones de base desde el quehacer conceptual. Considero que la praxis significa, aporta y cambia el mundo, cuando lo que hacemos impacta de alguna manera la agenda política. (ENTREVISTADA 1 COL, 2020).

E a práxis, nessa situação, ocorre dentro e fora da universidade, notadamente, por meio da participação em distintas atividades estatais e públicas, em diferentes escalas, do local ao nível nacional: sua atividade parece ter um conteúdo político muito bem definido, a favor das pessoas mais simples e humildes.

Outrossim, reconhece-se que o território é um conceito polissêmico, com conteúdos políticos, antropológicos e geográficos, portanto, resultado de processos culturais e políticos, envolvendo imaginários e percepções, lutas e conflitos, símbolos e sentimentos, tradição e poder. Uma concepção como essa é influenciada por pesquisadores como José Luis García, Guillermo Páramo, Yi Fu Tuan, Horácio Bozzano, entre outros, voltada para a análise dos riscos e para o ordenamento territorial, tema que, segundo a entrevistada 2 da Colômbia, parece bastante saliente na literatura territorial daquele país.

Desse modo, o território é entendido como totalidade e complexidade, numa perspectiva multidimensional (político, econômico, social, cultural e espacial) vinculada ao espaço geográfico e à vida em sociedade historicamente caracterizada.

El territorio es una totalidad compleja, dinámica y porosa de relaciones multidimensionales imbricadas entre un determinado sujeto humano colectivo y autoreferenciado, y una cierta porción de

espacio geográfico, concebido como producto social y elemento identitario sustantivo de ese mismo sujeto histórico colectivo. (ENTREVISTADO 3 COL, 2020).

No território há dominações e resistências, riscos e ações, bem como interações multiescalares, concepção essa nutrida por referências como Bertalanfy, Rapaport, Maturana e Varela, juntamente com I. Wallerstein, D. Harvey, A. Quijano, R. Haesbaert, C. W. Porto-Gonçalves e A. Escobar, como evidencia o entrevistado 3 da Colômbia. Concepções como essa, com um importante aspecto descolonial, são utilizadas, como o próprio entrevistado menciona, em estudos regionais para compreender os efeitos da globalização e, também, na pesquisa-ação-participativa, mais especificamente na gestão da água.

Desde hace dos años adelanto procesos de investigación-acción-participativa en dos territorios rurales de dos municipios de la periferia del espacio metropolitano de Bogotá D.C. La investigación centra su atención en la gestión del agua en espacios rurales, en especial sobre el papel de las asociaciones comunitarias de usuarios de los acueductos rurales, de las agencias institucionales estatales que tienen competencias relacionadas de manera directa o indirecta con el uso y manejo del agua en diferentes niveles de organización territorial, ya sea en el ámbito veredal, municipal, regional o nacional. [...] El enfoque territorial expuesto antes ha permitido la profundización en la comprensión de las relaciones del tejido territorial que subyacen en los procesos de gestión del agua, así como en los comportamientos de los diferentes actores sociales. De este ejercicio han emergido nuevas estrategias de gestión del agua por parte de las asociaciones de usuarios. En general ha sorprendido la conciencia territorial en las comunidades veredales y la capacidad de agencia que pueden desarrollar sus asociaciones en la medida que profundizan en el conocimiento territorial y en el relativo a las relaciones y contradicciones entre los diferentes niveles institucionales del Estado. (ENTREVISTADO 3 COL, 2020).

Essa práxis parece muito rica cultural, ambiental e politicamente, feita na teoria e na prática de maneira transversal, transescalar e interinstitucional, envolvendo organizações estatais, associações comunitárias e demais sujeitos interessados na gestão territorial da água, entendida como um patrimônio de todos. A análise e a prática política parecem acontecer juntas, com a definição de estratégias e normas de gestão,

Marcos Aurélio SAQUET & Horácio BOZZANO, Concepções E Práxis De Território Na América Latina: Aportes Para O Debate (I)

gerando conhecimento territorial, numa unidade teórica e prática, ou seja, de práxis territorial.

Ao que parece, nessas concepções trabalhadas na Colômbia, não se dissocia o território do espaço, nem tampouco a prática da teoria, como também identificamos na fala do entrevistado 4 daquela país: o território é o espaço socialmente apropriado onde se exerce determinado controle ou domínio, postulado elaborado com base no materialismo histórico e dialético, evidenciando-se as relações de poder, os comportamentos e as percepções dos sujeitos, então, hibridizando-se uma concepção que parece bastante atual e relevante social e cientificamente.

Mi praxis territorial se ha dado fundamentalmente en espacios geográficos muy locales como lo son el conjunto residencial donde vivo, en el que participo como presidente de la Asamblea General de Copropietarios, miembro del Consejo de Administración y copropietario, lo que me permite ser actor de decisiones referidas al uso y ocupación del espacio que jurídico-legalmente nos pertenece individual (espacio individual privado) y colectivamente (espacio común privado). Otras formas de praxis territorial son las que realizo en el espacio de la universidad en la que laboro, en el barrio y en la ciudad en los que a diario interactúo socialmente, en el marco de relaciones de poder que me establecen derechos, deberes, limitaciones, prohibiciones y sanciones. También experimento cierta territorialidad en lugares cercanos y lejanos de mi espacio cotidiano de vida, con los que he construido, a través del tiempo, relaciones empáticas, simbólicas o emocionales. (ENTREVISTADO 4 COL, 2020)

É impressionante quão diversas são as práxis territoriais que identificamos até o momento, desde atuações mais localizadas ou ancoradas no lugar de vida cotidiana, passando por intermediações feitas em organizações estatais, até processos mais amplos e complexos específicos da pesquisa-ação-participativa. As atuações ocorrem em distintos níveis escalares, no entanto, sempre vinculadas diretamente à transformação social e gestão do território no nível do local, tendo em vista a solidariedade, a conservação ambiental, a luta e o enfrentamento político.

Embora ainda não tenhamos mergulhado na literatura colombiana conforme planejamos e seja bem possível que isso esteja diretamente ligado aos sujeitos entrevistados, está claro que predominam perspectivas de abordagem histórico-crítica,

de base fenomenológico-humanística ou materialista e dialética, evidenciando-se os sujeitos e os lugares: topofilias, símbolos, comportamentos, identidades, contradições, resistências, conflitos, dominações, enfrentamentos etc. Evidentemente, estão muito aflorados temas como violência e paz, no entanto, nota-se uma grande heterogeneidade temática (em breve socializada na *Red Latinoamericana Territorios Posibles, Praxis y Transformación*, consoante já mencionamos).

Em relação a práxis territorial, as experiências também são heterogêneas, como descrevemos, porém, são todas concretas e vinculadas ao compromisso político dos/das pesquisadores/as entrevistados/as até o momento, trabalhando-se com o Estado, com associações de moradores e outros sujeitos comunitários, de forma interinstitucional e transescalar, ancorados/as nos seus lugares e territórios de vida cotidiana.

E essas experiências de práxis identificadas na Colômbia e no México, parecem ter certa unidade dialética com as verificadas na Argentina por Bozzano e Canevari (2020); referindo-se à pesquisa-ação-participativa (FALS BORDA, 2013 [1970], 2015 [1970], 2015 [1998]), esses autores evidenciam as seguintes assertivas e práxis consideradas fundamentais:

Sobre a razão prática: apelar à razão prática como matriz para nossos argumentos e nossas ações por meio de um fecundo e moderado diálogo entre filosofia, ciência e comunidade, tem se demonstrado extremamente importante socialmente. A razão prática não deixa de ser razão e, assim, está relacionada à filosofia *Territorii*, método criado há décadas para pensar e resolver problemas, gerando soluções numa espiral perpétua de respeito ao outro, sem as convencionais verdades definidas por um pesquisador ou político.

Sobre a conjunção entre saberes: partindo de premissas refletidas por Orlando Fals Borda, Horácio Bozzano e Tomás Canevari asseveram a essencialidade da conjunção entre saber acadêmico e saber popular, superando-se a tradicional dicotomia sem arrogância, de maneira interdisciplinar e multidimensional; incorporam-se às práxis as dimensões histórica, social e cultural mediante a participação dos sujeitos,

Marcos Aurélio SAQUET & Horácio BOZZANO, Concepções E Práxis De Território Na América Latina: Aportes Para O Debate (I)

valorizando-se seus saberes comunitários. Orienta-se e concretiza-se, assim, projetos e processos de trabalho conjunto, no qual “convivem” a cooperação e o conflito, como os amores e as misérias cotidianas.

Sobre a participação horizontal: na perspectiva da práxis, a vivência horizontal corresponde à relação sujeito-sujeito, superando-se a relação sujeito-objeto, para estudar e atuar, com os vizinhos, políticos, empresários, estudantes, docentes e pesquisadores.

Sobre a derrubada das assimetrias: o rompimento das assimetrias exige uma transformação profunda e sistemática, cultural, política e econômica, numa subversão ao *status quo*. Sem perder o rigor dos métodos e das técnicas, a pesquisa procura se rebelar contra a rotina, o egoísmo e a manipulação, promovendo-se a dimensão espiritual da pesquisa científica em meio à cooperação e ao conflito, como afirmara Santos (1996).

Sobre os tipos de conhecimentos: tendo como base a participação social com equidade e reciprocidade, bem como uma concepção holística sintetizada por Fals Borda (2015 [1970]), integram-se conhecimentos relativos à vivência (territórios vividos), ao prático (territórios reais), às proposições (territórios legais, pensados e possíveis) e aos territórios concertados e inteligentes.

Sobre a interação comunicativa: a comunicação sujeito-sujeito necessita ser, então, dialógica e de aprendizagem mútua, estabelecendo-se relações de confiança entre o pesquisador e o pesquisado, num constante exercício de avanços e retrocessos.

Desse modo, Bozzano e Canevari (2019, 2020) propõem o conceito de *diálogos de fazeres*, o qual se formula em termos de duas hipóteses sucessivas e complementares na pesquisa-ação-participativa: i) Os *diálogos de fazeres* têm como base os *diálogos de saberes*, na medida em que estão inscritos numa teoria de transformação; ii) Espirais de reflexão e ação constroem *diálogos de saberes* e *de fazeres* articulados e participativos, voltados para acompanhar a construção de políticas públicas participativas mais

sustentáveis a partir da razão prática, da conjunção de diferentes saberes, da vivência horizontal, da quebra de assimetrias e da interação comunicativa (Figura 1).

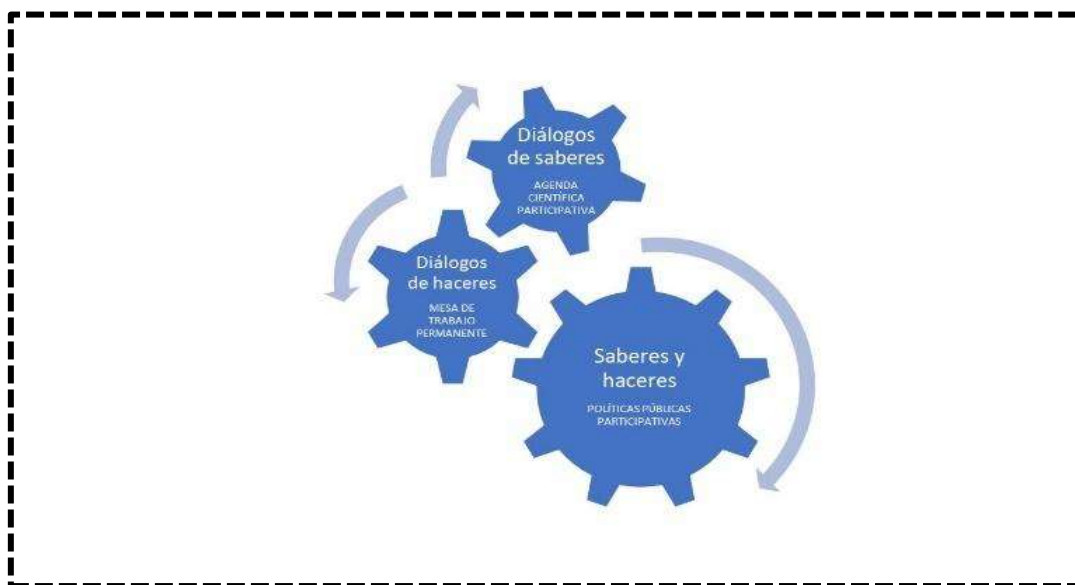


Figura n. 1- Ilustração dos *diálogos de fazeres*.

Fonte: Bozzano e Canevari (2000).

Os *diálogos de fazeres* envolvem, simultaneamente, teorias e práticas. O diálogo de saberes sem os fazeres, pode resultar em discursos; o diálogo de fazeres sem os saberes pode desembocar apenas em vontades e ações sem o pensamento e a reflexão necessários. Portanto, os diálogos de saberes e fazeres não estão separados nem tampouco elitizados: acontecem juntos, em projetos de práxis territorial como os aludidos anteriormente quando nos referimos ao México e à Colômbia, com uma “ponte” comum, ao que parece, com práxis realizadas na Argentina e no Brasil, tema este a ser trabalhado no próximo texto, a partir da problematização que segue à guisa de considerações finais desta primeira reflexão ora socializada.

A CONTINUIDADE DA PROBLEMATIZAÇÃO: A PRÁXIS TERRITORIAL DESCOLONIAL ...

Uma discussão abstrata das vidas de pessoas que não conheço e com cuja situação não estou familiarizado não é apenas uma perda de tempo, é também desumano e impertinente (FEYERABEND, 2010 [1987], p. 363; grifo do original).

Acreditamos, juntamente com Feyerabend (2010 [1987]), que apreender as sensações, imergindo na vida das pessoas, é fundamental, a partir dos nossos instintos e sentidos, das nossas percepções e interpretações, compreendendo e valorizando as diferentes visões de mundo que, por sinal, não podem ser entendidas e explicadas adequadamente à distância. A ciência é, nessa perspectiva, *uma tradição* de compreensão da realidade, como outras visões também importantes, como as artes e as religiões (FEYERABEND, 2010 [1987]). Para nós, ciência e filosofia não são puras abstrações nem tampouco restritas aos intelectuais acadêmicos: são práxis de ideia e matéria, prática e teoria, razão e emoção.

Desse modo, parece-nos que as três categorias identificadas por Haesbaert (2019a) podem ser uma espécie de “ponto” de partida para uma pesquisa mais apurada sobre o pensamento territorial na América Latina. Está claro, a partir do exposto, que a prática também é, muitas vezes, teórica e refletida; que a normativa também é sistematizada, idealizada, teorizada e prática; a análise também é prática e, muitas vezes, normativa, como revelam as concepções e práxis aqui socializadas.

As políticas estatais estão incorporadas no cotidiano, incluindo o acadêmico, influenciando e sendo influenciadas; influenciando intensas pesquisas, por exemplo, no Brasil, sobre os territórios rurais e da cidadania implantados a partir de 2003; influenciadas por estas mesmas políticas, que acabam por “definir” agendas de pesquisas acadêmicas, no Brasil, na Colômbia e no México. Há, nessas políticas, concepções claramente neoliberais, discutidas, planejadas, sistematizadas, normatizadas etc., revelando uma tática vinculada a práxis de dominação social e territorial que, por sua vez, também é teórica e prática, normativa e, muitas vezes, acadêmica.

A universidade, portanto, não é (i)materializada como único espaço de pesquisa e reflexão. Estas últimas também estão presentes, como descrevemos anteriormente, em espaços comunitários, associativos, condomínios residenciais, bairros etc. Numa pesquisa mais apurada, que estamos fazendo, essa diversidade de espaços e, também, de tempos, é ainda bem maior.

Aí, quem tem uma práxis territorial, predominantemente, a faz por meio da IAP, gerando concepções e técnicas outras, de convivência, diálogo, participação, luta e enfrentamento político-cultural, num movimento claramente descolonial e contra-hegemônico (Quadro 1). Movimento esse feito, concomitantemente, de ciência e práticas, teorias e técnicas, normas e saberes populares, interagindo-se entre si, ou seja, trabalhando centrados na relação sujeito-sujeito. Quem tem essa perspectiva de trabalho, tem compromisso político e envolvimento direto com as pessoas estudadas, notadamente, mais simples e humildes, constituindo uma práxis de libertação, interdisciplinar, interinstitucional, multidimensional e transescalar: não nos parece possível separar teoria e prática, reflexão e ação, normas (de convivência) e análises.

	Concepções	Práxis territoriais
México	<ul style="list-style-type: none">- São histórico-críticas, transescalares e multidimensionais, direcionadas para a realização de projetos de desenvolvimento regionais e/ou locais.- São realizadas por meio da pesquisa-ação-participativa, com um conteúdo político descolonial.	<ul style="list-style-type: none">- Estão vinculadas à resistência político-cultural diante da hegemonia do Estado e das grandes empresas, especialmente no nível do lugar.- Destacam-se aspectos como o corpo, a memória, a identidade, o trabalho, a unidade sociedade-natureza, a luta etc.
Colômbia	<ul style="list-style-type: none">- São histórico-críticas, multidimensionais e transescalares, também	<ul style="list-style-type: none">- Acontecem em diferentes níveis escalares e de forma interinstitucional, sobretudo no nível do local, ou seja, do

voltadas para os sujeitos estudados. lugar, por meio de projetos conjuntos, de resistência político-cultural.

- São feitas por meio da pesquisa-ação-participativa interinstitucional e transescalar com a construção de estratégias e normas comuns de gestão territorial. -Evidenciam-se aspectos como o poder, as redes, as identidades, os símbolos, os sentimentos, as emoções, as percepções etc.

Quadro 1 – Síntese das concepções e práxis identificadas até o momento no México e na Colômbia. Elaboração própria, maio de 2020.

Ao fazer pesquisa-ação-participativa, no México, na Colômbia, estabelecem-se premissas e práticas que, ao que tudo indica, são concomitantes, ou seja, estão dentro e fora das universidades, efetivando-se de maneira interdisciplinar e interinstitucional, revelando-se um conteúdo político-ideológico claro e voltado para a transformação social a favor da construção de uma sociedade mais justa e ecológica.

A opção pela práxis territorial que contém teoria e prática, métodos e técnicas, ciência e saber popular, dá-se no bojo do envolvimento e do compromisso por parte do/a pesquisador/a, como sujeito que também vive e participa dos processos territoriais, como sujeito na relação com outros sujeitos (embora sejam objeto de estudos) em diferentes níveis escalares: as pesquisas e as ações são, normalmente, multidimensionais e transescalares, embora, consoante evidenciamos anteriormente, possam assentar-se ora na fenomenologia-humanística, ora no materialismo histórico e dialético.

A abordagem territorial adotada está diretamente relacionada aos processos de desenvolvimento (ou às alternativas ao desenvolvimento, nem sempre explicitadas), assumindo uma proposta histórico-crítica, descolonizadora, plural e transescalar, na qual o território tem significados históricos e geográficos, antropológicos e políticos, sendo reproduzido como lugar de vida (humana e não humana), preche de contradições, disputas, poderes, conflitos e enfrentamentos e, ao mesmo tempo, de

cooperação e solidariedade, preservação e conservação ambiental.

A práxis é feita, em síntese, *desde abaixo*. Eis aí uma característica fundamental das concepções identificadas até o momento, no México e na Colômbia, onde verificamos teorias e práticas “caminhando juntas”, numa *direção consciente* e popular, *sem repetir mecanicamente fórmulas científicas*, construindo uma *consciência criadora de valores históricos* com base na experiência cotidiana (GRAMSCI, 1975 [1929-1932]).

Foi assim que fizemos, ao largo dos anos, em nossos projetos de pesquisa e cooperação com sujeitos do campo e da cidade, camponeses e operários da periferia urbana, contribuindo diretamente para qualificar os níveis de **consciência de classe e de lugar** ali existentes, por meio da práxis territorial participativa, dialógica, solidária, cooperada e popular (SAQUET, 2018, 2019c).

E foi uma práxis similar às identificadas e ora socializadas que realizamos numa perspectiva *pluridimensional*, nos projetos Vida na Roça (1996-1998) e Vida no Bairro (2002-2006), entre outros, num movimento de contestação da hegemonia do Estado burguês e do agronegócio, bem como da gestão pública assistencialista, (i)materializando pesquisas participantes e ações participativas entre pesquisadores, docentes, estudantes, operários, camponeses, sindicalistas etc. Em ambos os projetos, as ações visaram ao desenvolvimento respeitando a natureza, a cultura e as necessidades mais imediatas das classes populares, valorizando as singularidades territoriais e seus respectivos sujeitos e saberes (SAQUET, PACÍFICO e FLÁVIO, 2005; SAQUET e FLÁVIO, 2005; SAQUET, 2018, 2019b, 2019c).

A práxis é proximidade e não distanciamento entre pesquisador/a e pesquisado/a; é pluriativa, solidária, interativa, científica e popular, na qual todos os sujeitos são seres que pensam e sentem, respiram e comem, têm conhecimentos e vivências importantes para a gestão comum de soluções para os problemas cotidianos.

Trabalhado com os sujeitos estudados, na pesquisa (fase diagnóstica) e na ação (fase de atuação cooperada e solidária), numa interação universidade-sociedade local, acreditamos que conseguimos integrar conhecimentos e técnicas, sujeitos urbanos e

rurais, a partir da constituição de **espaços de aprendizagem conjunta** (oficinas, cursos, intercâmbios, mobilizações políticas, reuniões, assembleias etc.). Assim, a práxis não está numa nota de rodapé, está (i)materializada na nossa vida cotidiana, dentro e fora da sala de aula, dentro e fora da universidade, na pesquisa-ação-participativa.

Aí, o território foi (re)produzido (no campo, na cidade e entre esses distintos espaços) como espaço de organização política, mobilização, (in)formação, luta, enfrentamento, diálogo e produção de conhecimento, numa práxis de transformação feita **com nosso envolvimento continuado** na pesquisa participante e na ação participativa (para detalhamento, ver SAQUET, 2019b).

As “[...] teorias elaboradas no cerne das pesquisas e operações teórico-conceituais devem se pôr em favor de uma práxis sócio-política-cultural, [...] colocando-se a favor do desenvolvimento e melhoria das condições de vida das populações” (SAQUET, PACÍFICO e FLÁVIO, 2005, p. 69). “O método dialético não é somente um método de análise teórica [...], mas é, ao mesmo tempo, um instrumento criador de possíveis alternativas e de práticas para realizá-las” (VAGAGGINI e DEMATTEIS, 1976, p.137).

Então, entendemos que a práxis é *o modo de ser no mundo*; uma *atitude prática* não é, necessariamente, *desprovida de teoria*, tem um significado *existencial*: *prática e ser no mundo são indivisíveis* e passam por uma *compreensão dinâmica, transcendental e concreta*, ou seja, *dialética* e cotidiana, por meio da qual o *homem se abre para o mundo* (DUSSEL, 2017 [1973]).

Portanto, está claro que a superação das crises precisa ocorrer com profundas transformações, tentando resolver os problemas, superando o desenvolvimentismo por meio do enfrentamento político e científico, conquistando uma política libertadora com responsabilidade e honra: então, o/a pesquisador/a necessita ter um *compromisso-ação* estando, de fato, *engajado* política e cientificamente com os *grupos-chave* que necessitam do saber científico e da nossa colaboração, consoante argumentara muito bem Fals Borda (2015 [1970], 2013 [1970]).

Referências

ÁVILA SÁNCHEZ, Héctor. Cooperación y solidariedades en las prácticas agrícolas urbanas y periurbanas en México. In: SAQUET, M. e ALVES, A. (Org.). *Processos de cooperação e solidariedade na América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2017. p. 201-216.

BOZZANO, Horacio. [Territorios reales, territorios pensados, territorios posibles: Aportes para una teoría territorial del ambiente](#). Buenos Aires: Espacio, 2000 (3ª edición 2012).

BOZZANO, Horacio. *Territorio, híbridos de base dialéctica*. Reflexiones sobre el objeto de la Geografía, *Reflexiones Geográficas*, n°10, 2003, U.N. Río Cuarto.

BOZZANO, Horacio. *Territorios posibles. Procesos, lugares y actores*. Buenos Aires: Lumiere Ed., 2009 (3ª ed. 2017).

BOZZANO, Horacio. [La geografía, útil de transformación: El método Territorii, diálogo con la Inteligencia Territorial](#), *Campo-territorio*, 8 (16): 448-479 2013a.

BOZZANO, Horacio. [Geografía e Inteligencia Territorial: Geo-grafein, Geo-explanans, Geo-transformare](#), *Geográfica digital*, 10 (19) 2013b.

BOZZANO, Horacio. [Territorios posibles y utopías reales. Aportes a las teorías de la transformación: Inteligencia territorial y justicia territorial](#), *Arquetipo* (15): 71-91, 2017.

BOZZANO, Horacio e Tomás CANEVARI. [Scientific Agendas and Work Tables: An initiative in La Plata, Ensenada and Berisso, Argentina](#), *International Journal of Action Research*, 15 (1), 2019.

BOZZANO, Horacio e Tomás CANEVARI (Org.). *Transformar diálogos de saberes en diálogos de haceres. Ciencia, comunidad y políticas públicas*. La Plata: EDULP/UNLP, 2020.

BUENDÍA CASTRO, Irma e PÉREZ SÁNCHEZ, Alfonso. Actores sociales y redes en la producción de café – Puebla, México. In: SAQUET, M. e ALVES, A. (Org.). *Processos de cooperação e solidariedade na América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2017. p. 169-182.

DUSSEL, Enrique. *Para una ética de la liberación latinoamericana* – Tomo 1. México, DF: Siglo XXI Ed., 2017 [1973].

ELIZALDE, Argelia e PÉREZ SÁNCHEZ, Alfonso. El pan de fiesta de San Juan Huactzinco, Tlaxcala: tradición detonante del desarrollo local? In: SÁNCHEZ, A. y CORTÉS, C. (Org.). *Desarrollo y territorio: abordajes teórico-metodológicos y expresiones socioterritoriales*. Tlaxcala, México: El Colegio de Tlaxcala; CIISDER, Universidad Autónoma de Tlaxcala, 2012. p. 199-222.

Marcos Aurélio SAQUET & Horácio BOZZANO, *Concepções E Práxis De Território Na América Latina: Aportes Para O Debate* (I)

FALS BORDA, Orlando. Orígenes universales y retos actuales de la IAP (Investigación Acción Participativa), *Peripicias*, n. 110, 2008 [1999], p. 1-14.

FALS BORDA, Orlando. La crisis, el compromiso y la ciencia. In: MONCAYO, V. (Org.). *Orlando Fals Borda: una sociología sentipensante para América Latina*. México, DF: Siglo XXI Ed.: Buenos Aires: CLACSO, 2015 [1970]. p. 219-252.

FALS BORDA, Orlando. *Socialismo raizal y el ordenamiento territorial*. Bogotá: Ediciones Desde Abajo, 2013 [1970].

FALS BORDA, Orlando. Experiencias teórico-prácticas. In: MONCAYO, V. (Org.). *Orlando Fals Borda: una sociología sentipensante para América Latina*. México, DF: Siglo XXI Ed.: Buenos Aires: CLACSO, 2015 [1998]. p. 303-365.

FALS BORDA, Orlando e MORA-OSEJO, Luis Eduardo. La superación del eurocentrismo – enriquecimiento del saber sistémico y endógeno sobre nuestro contexto tropical, *POLIS – Revista Latinoamericana*, n. 7, p. 1-6, 2004.

FEYERABEND, Paul. *Adeus à razão*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010 [1987].

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del carcere*, vol. I (1929-1932). Turim: Einaudi, 1975.

HAESBAERT, Rogério. Território(s) numa perspectiva latino-americana, *Journal of Latin American Geography*, vol. 19, n. 1, 2019a, p. 141-151.

HAESBAERT, Rogério. O território: de categoria de análise à categoria da prática num olhar latino-americano e integrador. In: DENARDIN, V. e ALVES, A. (Org.). *Desenvolvimento territorial: olhares contemporâneos*. Londrina, PR: Ed. Mecenaz, 2019b. p. 51-60.

HERNÁNDEZ MORENO, M.; RAMÍREZ MIRANDA, C.; MENÉNDEZ GÁMIZ, C. (Org.). *Territorio y gestión del desarrollo*. México, DF: Plaza y Valdés, 2015.

LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal. Lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995 [1969].

NATES CRUZ, Beatriz; VELÁSQUEZ LÓPEZ, P. Andrea; GARCÍA ALONSO, María. *La territorialización de la memoria en escenarios de posconflicto - Caldas, 1990-2015*. Manizales: COLCIENCIAS, CNMH, Universidad de Caldas, RETEC, 2017.

RAMÍREZ MIRANDA, César Adrian. Repensar el territorio, repensar el desarrollo rural. In: HERNÁNDEZ MORENO, M.; RAMÍREZ MIRANDA, C.; MENÉNDEZ GÁMIZ, C. (Org.). *Territorio y gestión del desarrollo*. México, DF: Plaza y Valdés, 2015. p. 23-46.

RAMÍREZ MIRANDA, César Adrian. Agroecología, interdisciplina y desarrollo rural sustentable, *Campo-Terrório*, v. 13, n. 29, 2018, p. 271-285.

SÁNTIZ GÓMEZ, Abraham e PARRA VÁZQUEZ, Manuel Roberto. La visión tseltal de la vida em el desarrollo alternativo de Oxchuc, Chiapas. In: GARCÍA GARCÍA (Org.). *Extractivismo y neoextractivismo en el Sur de México: múltiples miradas*. Texcoco, México: Universidad Autónoma Chapingo, 2017. p. 317-350.

Marcos Aurélio SAQUET & Horácio BOZZANO, *Concepções E Práxis De Território Na América Latina: Aportes Para O Debate (I)*

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAQUET, Marcos. A abordagem territorial: considerações sobre a dialética do pensamento e do território. In: HEIDRICH, A.; COSTA, B.; PIRES, C.; UEDA, V. (Org.). *A emergência da multiterritorialidade*. A resignificação da relação do humano com o espaço. Porto Alegre e Canoas (RS): UFRGS/ULBRA, 2008. p. 47-60.

SAQUET, Marcos. Estudos territoriais: os conceitos de território e territorialidade como orientações para uma pesquisa científica. In: FRAGA, N. (Org.). *Territórios e Fronteiras: (re)arranjos e perspectivas*. Florianópolis (SC): Editora Insular, 2011. p. 33-50.

SAQUET, Marcos. Por un abordaje territorial: reflexiones por la construcción de un paradigma contrahegemónico para América Latina. In: LEÓN HERNÁNDEZ, E. (Org.). *Praxis espacial en América Latina – Lo geopolítico puesto en cuestión*. Ciudad de México: UNAM/ITACA, 2017a. p. 209-246.

SAQUET, Marcos. Território, cooperação e desenvolvimento territorial: contribuições para interpretar a América Latina. In: SAQUET, M. e ALVES, A. (Org.). *Processos de cooperação e solidariedade na América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2017b. p. 37-67.

SAQUET, Marcos. *Consciência de classe e de lugar, práxis e desenvolvimento territorial*. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2017c.

SAQUET, Marcos. A perspective of counter-hegemonic analysis and territorial transformation, *Geographica Helvetica*, n. 73, 2018, p. 347-355.

SAQUET, Marcos. O território: a abordagem territorial e suas implicações nas dinâmicas de desenvolvimento, *IGepec*, v. 23, 2019a, p. 25-39.

SAQUET, Marcos. *Saber popular, práxis territorial e contra-hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2019b.

SAQUET, Marcos. O conhecimento popular na praxis territorial: uma possibilidade para trabalhar com as pessoas, *Revista GEOTEMA – AGEI*, Roma, Suplemento 2019, 2019c, p. 5-16.

SAQUET, Marcos e FLÁVIO, Luiz. Contribuições para o planejamento e a gestão urbana: a experiência do Projeto Vida no Bairro – Francisco Beltrão, PR, *GUAJU*, Matinhos, PR, v. 1, n. 1, 2015, p. 123-141.

SAQUET, Marcos; PACÍFICO, Jucelí; FLÁVIO, Luiz Carlos. *Cidade, organização popular e desenvolvimento: a experiência do Projeto Vida no Bairro*. Cascavel/PR: UNIOESTE, 2005. VAGAGGINI, Vincenzo e DEMATTEIS, Giuseppe. *I metodi analitici della geografia*. Firenze: La Nuova Italia, 1976.

VERGARA FIGUEROA, Abilio. El redescubrimiento del territorio a través del conflicto. In: *Paisajes productivos y desarrollo económico territorial*. Manizales, Colômbia: RETEC; Editorial Universidad de Caldas, 2016. p. 121-157.

Data de Submissão: 09/05/2020

Data da Avaliação: 15/05/2020